

18 de agosto de 2017

- **Brasil e Bolívia implantam o Gabinete Binacional de Segurança***
- **China e Tailândia fazem operação conjunta Eagle Strike 2017***
- **O avanço do programa F-35 na Austrália***
- **Japan seeks new missile defense 'assets,' increased cyber cooperation**

Brasil e Bolívia implantam o Gabinete Binacional de Segurança*

Os ministros da Defesa, Raul Jungmann, do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), Sérgio Etchegoyen, e da Justiça e Segurança Pública, Torquato Jardim, estiveram nesta quinta-feira (17), em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, para identificar e definir ações conjuntas de combate ao crime transfronteiriço.

Ao longo de cerca de três horas de reunião plenária, que marcou a implantação do Gabinete Binacional de Segurança Bolívia-Brasil, representantes das duas delegações apresentaram as ações já em curso e as propostas de cooperação entre os dois países.

Após o encontro o ministro Jungmann explicou como será o combate à rota das quadrilhas transnacionais: "Vamos montar um laboratório para acompanhar os fluxos financeiros, compartilhar informações nas fronteiras e integrar em linha direta nossas Forças Armadas, policiais, de segurança e de inteligência."

Do lado boliviano, os ministros do Governo, Carlos Romero Bonifaz, da Defesa, Reymi Ferreira Justiniano, e o vice-ministro da Justiça, Diego Jiménez, apresentaram suas ações na luta contra o tráfico de armas, de drogas e de pessoas, além de mecanismos utilizados para o controle dos tráfegos aéreo, de fronteiras e de mercadorias.

Segundo o ministro da Justiça e Segurança Pública, Torquato Jardim, nenhum país sozinho pode vencer a luta contra os crimes transnacionais. Ele defende uma integração regional que deverá ir aos poucos se expandindo: "Conversamos hoje com a Bolívia e agora vamos aperfeiçoar o nosso centro de cooperação que já vinha há algum tempo, e, ano que vem, vamos fazer um simpósio em Brasília, com mais quatro ou cinco países" ressaltou ele.

Para o general Sérgio Etchegoyen, é preciso buscar os nossos vizinhos para fazer os acordos necessários para o combate ao crime organizado: "A Bolívia é um parceiro muito importante e avançamos muitíssimo. Saímos daqui muito confiantes e com soluções concretas" destacou o titular do Gabinete de Segurança Institucional.

Também participaram da comitiva brasileira, o comandante da Marinha, almirante Eduardo Bacelar Leal Ferreira, o chefe do Conjunto do Estado-Maior da Forças Armadas, almirante Ademir Sobrinho, o chefe do Estado-Maior do Exército, general Fernando, representando o comandante do Exército, comandante de Operações Especiais da Aeronáutica, brigadeiro Aquino, representando o comandante da Força Aérea, assessor especial do GSI, general Joaquim Brandão, secretário de Produtos de Defesa, Flávio Basílio, assessor especial militar do ministro, brigadeiro Fiorentini, diretor do

Departamento de Assuntos de Defesa e Segurança do Ministério das Relações Exteriores, embaixador Tabajara e demais autoridades civis e militares.

Fonte: Ministério da Defesa

Data da publicação: 17 de agosto

Link: <http://www.defesa.gov.br/noticias/34154-brasil-e-bolivia-implantam-o-gabinete-binacional-de-seguranca>

China e Tailândia fazem operação conjunta Eagle Strike 2017*

A Força Aérea do Exército de Libertação Popular da China (PLAAF) enviou 6 caças J-10 do aeroporto militar em Yunnan para a Tailândia, na Base da Força Aérea de Udorn, para participar do treinamento conjunto sino-tailandês denominado Eagle Strike 2017. Esta é a segunda vez que o treinamento conjunto é realizado.

O treinamento conjunto Eagle Strike 2017, realizado de 17 de agosto a 3 de setembro na Tailândia, tem como objetivo aprofundar os laços dos dois países para promover a cooperação aérea e o intercâmbio de táticas, para o desenvolvimento de equipamentos e melhorar o atual nível de treinamento de combate.

Nos últimos anos, a PLAAF e a Força Aérea da Tailândia têm feito uma série de intercâmbios de cooperação. Em 2015, elas realizaram o treinamento conjunto Eagle Strike 2015. Na cerimônia de encerramento, a equipe de demonstração de voo da PLAAF fizeram um show aéreo.

Fonte: Poder Aéreo

Data da publicação: 17 de agosto

Link: <http://www.aereo.jor.br/2017/08/17/china-e-tailandia-fazem-operacao-conjunta-eagle-strike-2017/>

O avanço do programa F-35 na Austrália*

À medida que o programa global F-35 ultrapassa as 100 mil horas de voo, o projeto Australian F-35A conta com menos de 500 dias até que as duas primeiras aeronaves australianas F-35A cheguem para base permanente na Austrália.

O chefe da Joint Strike Fighter Division do CASG (Capability Acquisition and Sustainment Group), AVM Leigh Gordon, disse que, embora este marco represente um nível significativo de maturidade para o programa global, trabalhar em conjunto será a chave para o sucesso da entrega de projetos para a Austrália.

“O projeto australiano F-35A é muito mais do que apenas a entrega de 72 aeronaves, também é trabalhar com a Força Aérea, indústria e em toda a Defesa para introduzir novos sistemas necessários para operar o F-35A”, disse AVM Leigh Gordon.

“Exemplos desses novos sistemas incluem o Sistema Autônomo de Informações de Logística (ALIS — Autonomic Logistics Information System); interagindo e fazendo parte de uma Solução de Suporte Global F-35; e a transição da força de trabalho para que possamos ter uma força de trabalho técnica de quinta geração pronta para operar essa capacidade impressionante “, disse ele.

“Enquanto estamos no bom caminho para alcançar a capacidade operacional inicial (IOC) até 2020, ainda existem riscos que a coordenação deve solucionar.

“O maior desafio é integrar a capacidade de quinta geração do F-35A na Austrália com os preparativos em Williamstown no momento.

A primeira instalação de suporte do F-35A, o Centro de Sistemas de Informação Off Board, foi oficialmente inaugurada no mês passado, que apoiará o ALIS australiano como parte de quase US\$ 1 bilhão de trabalho a ser realizado para deixar Williamstown pronta para suportar as operações do F-35A.

O Diretor de Transição Aérea da Força Aérea, o capitão Glen Beck, disse que a capacidade do F-35A transformará a forma como a RAAF trabalha em quase todas as facetas das operações.

“A nova tecnologia é muito empolgante, mas fazer com que nossa gente esteja pronta para operar essa grande, global e tecnológica capacidade complexa será fundamental para o nosso sucesso”, disse o capitão Beck do Grupo.

“Enquanto as instalações e as aeronaves são muito tangíveis, o trabalho menos tangível, como a criação de uma força de trabalho e sistemas diferentes para suportar a manutenção, logística, treinamento e operações da quinta geração, é onde nossa atenção está focada.

“A Austrália ativará esquadrões em sucessão relativamente rápida entre 2019 e 2023 e precisamos estar preparados para enfrentar esse desafio ao preparar nosso primeiro voo ferry no próximo ano e a integração posterior.

“Recentemente, concluímos uma série de oficinas envolvendo operadores australianos de F-35A atualmente com base nos EUA, para cobrir diferentes cenários para garantir que possamos operar o F-35A com segurança e eficiência no ambiente australiano”, disse ele.

Duas aeronaves australianas terão sede em Williamtown a partir de dezembro do próximo ano e, no início de 2019, a Força Aérea começará a verificar e validar os processos de operação do F-35A no contexto australiano.

Fatos rápidos – Projeto australiano F-35A

O projeto australiano F-35 permanece dentro do orçamento e no cronograma para atender ao requisito de capacidade operacional inicial de 2020 da Austrália.

Os dois primeiros aviões F-35A da Austrália foram entregues ao Centro Internacional de Treinamento de Pilotos (PTC) na Base da Força Aérea de Luke (AFB) no Arizona em dezembro de 2014 para treinamento de piloto e mantenedores.

A Austrália tem quatro pilotos qualificados e em treinamento no F-35A na Luke AFB.

Mais de 30 australianos estão trabalhando nos EUA como membros-chave da parceria estratégica global F-35 em uma variedade de disciplinas.

As próximas oito aeronaves da Austrália serão entregues em 2018. Seis dessas aeronaves operarão inicialmente como parte do grupo de aeronaves no Centro de Treinamento de Pilotos F-35 na Base da Força Aérea de Luke. Os dois aviões restantes serão transportados para a Austrália em dezembro de 2018 e serão os dois primeiros F-35As a serem baseados na Austrália.

As aeronaves australianas F-35A voaram um total combinado de mais de 1.000 horas.

A Austrália completou seu primeiro desdobramento quando suas duas aeronaves F-35A foram deslocadas dos EUA para a Austrália para o Avalon Air Show em março de 2017.

Fatos rápidos – Programa Global F-35

O F-35 agora opera a partir de doze locais diferentes, incluindo 10 bases dos Estados Unidos, Itália e Israel.

O F-35 voou mais de 100 mil horas.

Itália e Israel são as primeiras nações a operar o F-35 fora dos Estados Unidos a partir de suas respectivas nações.

O Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos e a Força Aérea dos Estados Unidos declararam Capacidade Operacional Inicial (IOC) em 2015 e 2016, respectivamente.

Até a data, treinaram-se mais de 400 pilotos de F-35 e 4 mil mantenedores de aeronaves de seis países, incluindo quatro pilotos australianos.

A chegada do avião F-35B na Estação Aérea do Marine Corps em Iwakuni, Japão, em 12 de janeiro de 2017, representa a primeira capacidade F-35 desdobrada permanentemente.

O governo dos EUA anunciou os preços mais baixos do F-35 no histórico do programa com a finalização do contrato de produção do lote 10 para 90 aeronaves.

Fonte: Poder Aéreo

Data da publicação: 17 de agosto

Link: <http://www.aereo.jor.br/2017/08/17/o-avanco-do-programa-f-35-na-australia/>

Japan seeks new missile defense ‘assets,’ increased cyber cooperation

Por Aaron Mehta

WASHINGTON — Japan is seeking new missile defense assets in light of the North Korean threat, while also looking at ways to expand a 2015 defense agreement with the United States.

Japanese Defense Minister Itsunori Onodera, speaking Thursday at the State Department following a meeting with Japanese Foreign Minister Taro Kono, U.S. Secretary of State Rex Tillerson and U.S. Secretary of Defense Jim Mattis, said that the threat from Pyongyang is driving Japan to look to accelerate certain defense decisions.

Among those changes is an increased focus on missile defense capabilities. In his opening comments, Onodera, speaking through a translator, said “we will continue to promote cooperation in ballistic missile defense, including acquisition of new assets,” a signal that the Japanese government would consider adding to its defensive capabilities.

While nothing official was announced during the 2+2, the Japan Times newspaper reported shortly before the event that officials expect to procure an Aegis Ashore missile defense system. The same report, citing government sources, said the Ministry of Defense is pushing to speed up planned procurement of another Aegis destroyer.

Japan currently has missile defense systems aboard its Aegis class ships, along with Patriot systems on the ground. If Japan sought the Aegis Ashore system, it would join Romania and, by 2018, Poland as partner nations using that design.

An increase in missile defense spending would be in line with calls made earlier this year from members of the ruling Liberal Democratic Party for more military assets, including missile defense capabilities. That same proposal called for Japan to develop a first-strike capability that could hold China or North Korea at threat, something the island nation has eschewed since the end of World War II.

Both Onodera and Mattis said they were seeking to speed up the implementation of a 2015 defense agreement between the two nations. As part of that agreement, Japan changed its military posture to one that allows its missile defense systems to protect allies in the region, including adding the right to intercept any missile launched at the United States.

That agreement also led to the creation of a coordination cell, made up of U.S. and Japanese military officials, which officials then hoped would speed up the sharing of information and lead to shared use of intelligence, surveillance and reconnaissance (ISR)

assets. On Thursday, Onodera pledged to “expand peacetime cooperation such as surveillance and joint training.”

Another area of the 2015 agreement touched upon Thursday was a focus on joint cyber and space capabilities. Both defense ministers emphasized cooperation on cyber issues, with Kono adding that “in area of cyberspace and space, we would steadily promote Japan-U.S. cooperation in new areas. We were able to achieve agreement on this.”

Tillerson, for his part, pledged that the two sides “will explore new and expanded activities in intelligence, surveillance, and reconnaissance training and exercises, research and development, capacity building, and joint or shared use of facilities.”

Notably, Tillerson also reiterated that the U.S. views the Senkaku Islands fall under Japanese administration, and that any military movement from another nation into those islands would fall under Article V of the Japan-U.S. security treaty, which specifies that the U.S. would act to aid Japan if need be.

That is important given China’s longstanding interest in the Senkaku Islands, which it also claims. The Trump administration has made working with China a pillar of its strategy for North Korea, but Tillerson’s affirmation on Thursday appears to close the door to any idea that the U.S. would trade protection of the Senkaku’s for aid against Pyongyang.

Fonte: Defense News

Data da publicação: 18 de agosto

Link: <http://www.defensenews.com/global/asia-pacific/2017/08/18/japan-seeks-new-missile-defense-assets-increased-cyber-cooperation/>

* Não mencionado o autor no texto.